



PRÁTICA DE ENSINO – FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Anna Maria Pessoa de Carvalho

RESUMO: O A. situa primeiramente as Práticas de Ensino dentro do Currículo de Licenciatura da FEUSP, mostrando a diversificação das Práticas de Ensino para, finalmente, colocar os problemas de estágio nas escolas de 1º e 2º graus. São discutidas, então, as condições de realização de um estágio abrangente e eficiente, após o que são descritos os estágios de observação, recuperação e mini-curso.

PALAVRAS-CHAVE: Prática de ensino. Estágio. Formação de Professores.

1. Os Cursos

Os cursos de Prática de Ensino, em conjunto com os de Didática, Psicologia da Educação e Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus, formam as disciplinas de licenciatura oferecidas pela Faculdade de Educação aos demais Institutos e Faculdades da Universidade de São Paulo, em complementação aos seus currículos de graduação.

Mostramos, na tabela 1, a duração, a carga horária e o número de créditos destes cursos, sendo que a carga horária total dos cursos de formação pedagógica corresponde a 1/8 da carga horária dos cursos de formação específica, a cargo dos Institutos e Faculdades.

Tabela 1

Disciplinas	Duração (semestre)	Carga horária (semana)	Número total de créditos
Psicologia da Educação	2	4 h	8
Didática	1	4 h	4
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	1	4 h	4
Prática de Ensino	2	4 h/aulas + 4 h/estágios	12

Trabalho apresentado no I Encontro Nacional e V Encontro Estadual de Professores de Prática de Ensino – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul – 10 a 13 de julho de 1979.

Tabela 2

DISCIPLINAS DE GRADUAÇÃO PRÁTICA DE ENSINO (LICENCIATURA)	Alunos matriculados					
	1977		1978		1979	
	1º sem.	2º sem.	1º sem.	2º sem.	1º sem.	2º sem.
	Geografia	81	11	66	14	59
Geografia	7	72	-	61	1	
Filosofia	24	3	18	-	21	
Filosofia	-	18	-	17	-	
Física	70	-	43	-	37	
Física	-	55	-	43	-	
Matemática	65	-	42	-	39	
Matemática	-	60	-	35	-	
Psicologia	17	-	43	-	30	
Psicologia	10	-	-	33	-	
Química	22	-	17	-	14	
Química	-	21	-	20	-	
Ciências Biológicas	97	-	82	-	102	
Ciências Biológicas	-	103	-	73	-	
Enfermagem	82	-	78	2	41	
Enfermagem	-	49	-	51	-	
Italiano	15	-	20	-	20	
Italiano	-	12	-	17	-	
Espanhol	28	-	28	-	18	
Espanhol	-	25	-	20	-	
Grego	1	-	-	-	2	
Grego	-	1	-	-	-	
Sânscrito	4	-	3	-	1	
Sânscrito	-	3	-	3	-	
Educação Física	86	-	98	-	81	
Educação Física	-	79	3	104	-	
Geologia	6	8	7	2	1	
Português	342	2	223	-	154	
Português	-	303	-	210	-	
Francês	55	-	44	-	29	
Inglês	58	-	50	3	37	
Inglês	-	54	-	46	-	
Alemão	28	-	31	-	22	
Alemão	-	24	-	27	-	
Latim	8	-	6	-	5	
Latim	-	6	-	5	-	
Línguas Orientais	44	-	20	-	20	
Línguas Orientais	-	35	-	20	-	
História	137	-	129	-	82	
História	-	127	-	120	-	
Ciências Sociais	79	1	77	-	37	
Ciências Sociais	-	59	1	60	4	
TOTAL	1356	1187	1129	1019	858	

Na tabela 2, indicamos a relação dos cursos de Prática de Ensino oferecidos pela Faculdade de Educação da USP e o número de alunos neles matriculados em 1977, 1978 e 1979.

Temos 22 cursos de Prática de Ensino e, com exceção dos cursos ministrados a alunos de Ciências Biológicas, Educação Física e Italiano, todos os outros apresentam um decréscimo no número de matrículas nestes últimos cinco semestres. Isto representa um fenômeno social importante, pois é incompatível com o crescimento da população estudantil de 1ª e 2ª graus da cidade de São Paulo.

As causas deste decréscimo são bastante conhecidas, entretanto as conseqüências deveriam ser discutidas mais profundamente por todos aqueles que se interessam pela política educacional.

Estudando a tabela 2, verificamos que podemos agrupar os cursos de Prática de Ensino em três conjuntos, segundo a existência ou não de cursos paralelos no ensino de 1ª e 2ª graus. Assim, o primeiro grupo é formado pelas disciplinas de Prática de Ensino de: geografia, física, matemática, química, ciências biológicas, educação física, português, inglês, história, ciências sociais e enfermagem. Para todas estas disciplinas existem condições normais de estágio nos colégios da comunidade.

Podemos colocar num segundo grupo as disciplinas de Prática de Ensino de: filosofia, psicologia, italiano, espanhol, geologia, francês e alemão, para as quais aulas ao nível de 1ª e 2ª graus só são encontradas em raras escolas. As escolas específicas de línguas estrangeiras também são campo de estágio, suprimindo a lacuna apresentada pelas escolas normais em relação ao ensino destas línguas.

O terceiro grupo é formado pelas disciplinas de Prática de Ensino de: grego, sânscrito, latim e línguas orientais, cujo campo de estágio é a própria Universidade.

A divisão dos cursos de Prática de Ensino nestes três grupos é importante para situarmos a problemática da estruturação dos próprios cursos e de seus estágios supervisionados.

Como o tempo reservado para nossa apresentação é limitado, e o enfoque deste encontro é a abordagem dos principais problemas de Prática de Ensino e a discussão das soluções encontradas em cada grupo, visando uma troca de experiências, vamos limitar nosso trabalho à colocação dos problemas de estágio nas escolas de 1ª e 2ª graus (problemas do primeiro grupo de disciplina).

2. Problemática de estágio

O principal problema enfrentado pelos professores responsáveis por Prática de Ensino é proporcionar condições para que seus alunos realizem um estágio abrangente e eficiente.

Estágio abrangente é aquele em que o aluno:

- a) é participante e assume todas as funções de um professor secundário;
- b) entra em contato, de uma maneira sistemática, com os problemas da profissão de professor;
- c) é um agente de mudança em potencial, isto é, tem condições de testar em sala de aula as inovações propostas na Universidade.

Além de alcançar estas metas, os estágios devem obedecer às condições a seguir relacionadas.

1º) Deve ser observado. Todo estágio de regência deve ser observado, pois só quando observamos o desempenho de um estagiário em sala de aula é que temos condições de corrigi-lo, quer quanto à ação didática, quer quanto ao desenvolvimento do conteúdo específico, quer quanto à interação professor-aluno.

2º) Deve ser planejado de tal forma que *todos* os alunos tenham as mesmas condições de saída, isto é, devemos planejar um estágio "aberto" em relação ao número de aulas que cada estagiário deva dar, de tal forma que o aluno que apresente problemas tenha a oportunidade de dar tantas aulas quantas forem necessárias.

3º) Deve não interferir no trabalho do professor da classe. O estagiário não deve, nem pode, atrapalhar uma aula, com risco de não ser aceito pelo professor e por seus alunos. Quando colocamos estagiários para trabalhar junto a um professor, não encontramos problemas nas atividades de co-participação, mas encontramos resistências quanto à regência de classe, pois estas aulas, quase sempre, precisam ser reelaboradas, perdendo o professor um tempo precioso. Enfrentamos, nestas condições, um paradoxo: se o estagiário é "bom", isto é, tem características natas de um bom professor, ele tem condições de realizar um estágio eficiente; entretanto, os estagiários "fracos", aqueles que realmente precisam corrigir seus defeitos e reelaborar suas aulas, não têm condições de treinamento. Os professores de classe, em virtude de aqueles não se terem saído bem, precisam retomar a matéria dada, o que nem eles nem os

seus alunos gostam. A relação estagiário-professor-classe deteriora-se justamente para quem mais precisa de apoio.

4º) Deve servir ao colégio e aos professores, tanto quanto possível. É perfeitamente possível e desejável planejarmos atividades pelas quais os estagiários estejam *também* prestando ajuda ao colégio e aos professores. Recuperação de alunos, planejamento e/ou arrumação de laboratório, análise estatística de provas são exemplos de algumas atividades essenciais ao estágio e importantes para a escola.

Como conseguir tudo isso de uma maneira eficiente? Como orientar e assistir nossos alunos quando eles se espalham pelos diversos colégios, nos mais longínquos bairros e nos mais diversos horários? Principalmente, como fazer com que a profissão de professor *não* fique, em fins do século XX, como um conjunto de experiências aleatórias e pessoais de “acerto” e “erro”?

Planejamos algumas modalidades de estágio, com as quais procuraremos solucionar os problemas apresentados. São elas:

- estágio de observação;
- estágio de recuperação;
- estágio de mini-curso.

2.1 *Estágio de observação*

Particularmente, não acreditamos que a observação de aula vá influir no desempenho do futuro professor, assim como não acreditamos que alguém possa tornar-se artista apenas fazendo crítica de arte. Entretanto, planejamos um estágio de observação, para alcançar duas finalidades:

- a) fazer com que os alunos observem algumas variáveis de sala de aula que não estão acostumados a ver;
- b) observar alguns problemas em sala de aula, de tal forma que comecem a ver a escola, também, como um campo de pesquisa.

Todas as observações são feitas a partir de um plano pré-estabelecido e com instrumentos padronizados de observação.

Como exemplos de variáveis que os alunos não estão acostumados a observar, apesar de terem, no mínimo, 15 anos de carteira, temos: o nível de interação

professor-aluno, medido através do instrumento de Amidon e Flanders (1), o nível, segundo Bloom, da participação do professor e do aluno, medido através do instrumento de Brown (2) o desempenho do professor, em aulas de laboratório, medido através do instrumento de Carvalho (3).

Os problemas de sala de aula que propomos aos nossos alunos estudar são de vários tipos. Alguns estão relacionados com o trabalho do professor, por exemplo: de que depende a interação professor-aluno? da classe? do número de aulas que o professor dá por dia? do conteúdo? do período, diurno ou noturno? Outros problemas se relacionam com o conteúdo ou metodologia específica da matéria, por exemplo: quais as características essenciais de uma aula de laboratório? como os professores estão dando aulas de laboratório no segundo grau? quais os problemas por eles enfrentados e como cada um procurou solucioná-los?

O estágio de observação torna-se muito rico, a partir da discussão conjunta dos estagiários, tanto no planejamento inicial como nas conclusões finais.

2.2 Estágio de recuperação

No calendário escolar de 1º e 2º graus estão previstas aulas de recuperação a serem dadas no fim de cada semestre letivo.

A recuperação, como foi mostrado por Gullane (4) é um problema grave e delicado. Quem fica de recuperação são os alunos “problemáticos”, isto é,

(1) AMIDON, E. e FLANDERS, N.A. – Interaction analysis as a feedback system. In AMIDON-HOUGH – *Interaction analysis: theory, research and application*. Addison-Wesley, 1967.

(2) BROWN et alii. – *The Florida taxonomy of cognitive behavior*. Institute for Development of Human Resources. College of Education, University of Florida, 1971.

(3) CARVALHO, A.M.P. de. Mini-cursos de física, uma nova forma de estágio supervisionado. *Revista brasileira de física*, 2 esp., out. 1976. p. 391-5

_____. Mini-cursos de física, uma nova forma de estágio supervisionado. Integração colégio-universidade. *Revista brasileira de física*, 2 esp., out. 1976. p. 396-411.

_____. Estudo de frequência dos alunos do segundo grau nos mini-cursos de física – Recuperação – Complementação. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC. 28., 1976. Resumos. p. 722. Comunicação apresentada.

CARVALHO, A.M.P. de et alii. Treinamento de professores em aulas de laboratório de ciências físicas para o 2º grau – Construção de um instrumento de avaliação. São Paulo, INEP, 1976.

(4) GULLANE, Adolfo – *Recuperação escolar. Dimensões legais e pedagógicas*. São Paulo, 1978/Tese de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

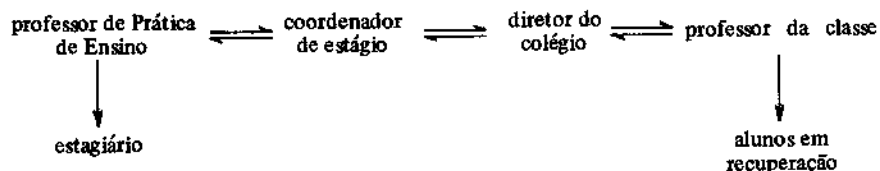
aqueles que têm dificuldade em acompanhar o conteúdo específico da matéria e em se relacionar com o professor, advindo disto problemas de aprendizagem. Assim não é muito proveitoso para o aluno, e nem gratificante para o professor, o trabalho de recuperação.

Os responsáveis pelas disciplinas de Prática de Ensino de Física, Matemática, Português e História planejaram, em colaboração com algumas escolas da Capital, cursos de recuperação para serem ministrados pelos estagiários e não no fim, mas durante o semestre letivo.

Estamos desenvolvendo este tipo de atividade de estágio há cinco anos e enfrentamos uma série de problemas (alguns foram solucionados, outros não) que passamos a descrever.

19) Horário das aulas de recuperação. Estas aulas devem ser dadas fora do horário normal e agrupadas de tal modo que permitam a presença de alunos, estagiários e professores de Prática (responsáveis pelos estágios). Como temos um professor de Prática para vários estagiários e muitos alunos em recuperação, além de, durante a semana, as escolas terem disponíveis, no máximo, uma ou duas salas de aula, a solução encontrada foi concentrar todas as classes de recuperação aos sábados pela manhã. Isto facilitou sobremaneira a orientação dos estagiários.

20) Relacionamento professor da classe e professor de Prática de Ensino. Trabalhamos numa cidade enorme (atualmente com mais de 5 milhões de habitantes), onde o relacionamento entre duas pessoas que moram e trabalham em lugares diferentes torna-se muito difícil. Como se sabe, o planejamento do estágio de recuperação envolve, segundo a burocracia normal, vários elementos:



alguns problemas surgidos durante o estágio de recuperação só foram solucionados quando começou a existir diálogo entre o professor da classe e o de Prática de Ensino. Para que o planejamento das aulas de recuperação seja coerente com o curso dado na escola e, portanto proveitoso para o aluno, o professor da classe precisa fornecer os objetivos atingidos no bimestre, os livros-textos adotados, as provas de avaliação feitas pelos alunos e, além de tudo, apoiar o trabalho

do estagiário. Se não existir a colaboração do professor da classe não conseguiremos sequer que os alunos compareçam às aulas.

39) Seleção da clientela. A convocação dos alunos para participarem dos cursos de recuperação é feita pelos professores da escola. O que notamos é que, muitas vezes, o critério de seleção difere de professor para professor, ou mesmo de classe para classe. Quando isso acontece, as dificuldades apresentadas pelos alunos são demasiadamente diversificadas, o que acarreta, durante o curso, uma flutuação de população. No decorrer dos anos, várias soluções foram testadas, desde a elaboração de um pré-teste, até a colocação de um estagiário por professor e por turma. Entretanto cada escola apresenta condições diferentes, de tal modo que a solução só pode ser encontrada a partir do estudo das condições específicas de cada uma delas.

40) Relacionamento estagiário-aluno em recuperação. Do ponto de vista disciplinar, este relacionamento é bom, pois ambos se identificam como aluno e o único senão é o estagiário breçar as críticas que aparecem ao professor da classe.

De um lado, não podemos nos esquecer de que o estagiário é um aluno em preparação e que, na grande maioria dos casos, é a primeira vez que assume o papel de professor. De outro lado, os alunos de recuperação são aqueles que apresentam problemas de aprendizagem, necessitando de uma atenção quase individual. Nestas condições, exige-se uma grande maleabilidade de quem ensina e uma forte interação professor-aluno, para se descobrir onde cada aluno tem dúvidas. O estagiário preparou e discutiu todas as aulas na Universidade, mas a adaptação às dificuldades dos alunos é feita espontaneamente, na própria classe. Por isso, a presença e supervisão do professor de Prática de Ensino, na escola, durante as aulas de recuperação, é indispensável, para dar segurança a seus estagiários e contornar todas as dificuldades que apareçam.

2.2.1 Observações gerais

O estágio de recuperação é uma experiência muito boa, tanto para a Universidade como para a Escola. Entretanto ela *não* deve ser a *única* experiência de regência de classe dos estagiários. Pois, se de um lado eles são treinados em interagir fortemente com os alunos, de outro, saem com uma visão deformada, por trabalhar com os “piores” alunos da classe. Além disso, como eles devem seguir o planejamento do professor, esta atividade de estágio não dá condições para que possam desenvolver uma unidade, de acordo com suas próprias idéias.

2.3 *Estágios de mini-curso*

Mini-curso é um conjunto de aulas sobre um tópico do currículo de 1º ou 2º grau, de tal forma que abranja os principais tipos de atividades de um professor no desenvolvimento didático de um conteúdo.

Os mini-cursos são planejados pelos estagiários na universidade e oferecidos a uma escola da comunidade, como atividade extra-classe.

Vamos apresentar como é feito o planejamento, a organização e a execução desta atividade de estágio.

2.3.1 *Planejamento*

Os mini-cursos são planejados para abranger um tópico do programa (em média 8 a 10 aulas). Este trabalho engloba o levantamento dos objetivos que se pretende alcançar, o preparo de material didático e o da prova de avaliação. É neste ponto, a partir de discussões com os alunos estagiários, que introduzimos a nossa visão do ensino. Como desenvolver um conceito (ou uma lei, um princípio, etc.), qual a técnica didática mais coerente com o conteúdo a ser trabalhado, como elaborar uma avaliação compatível com os objetivos a serem alcançados são alguns dos pontos que apresentamos e discutimos durante a fase de planejamento dos mini-cursos. Além disso, estas discussões devem englobar os pontos fundamentais do ensino da disciplina, como, por exemplo, o papel do laboratório no ensino de ciências, ou a interpretação de textos no ensino de língua portuguesa, de tal forma que o estagiário tenha oportunidade, neste tipo de estágio, de realmente planejar um curso coerente com o que ele aprendeu na universidade.

2.3.2 *Organização*

A organização, apesar de ser feita pelo professor de Prática de Ensino, depende muito da colaboração do diretor e dos professores do estabelecimento. Todos os mini-cursos são dados no mesmo horário, portanto, precisamos usar quase todas as salas do colégio (em média costumamos oferecer 10 mini-cursos para cada escola). Isto só é possível fora do horário normal de aula e o mais freqüente é conseguirmos os sábados pela manhã, das 8 às 10 horas.

Uma vez acertado com o diretor as datas (dias e horas) dos mini-cursos,

devemos elaborar um roteiro a ser distribuído aos alunos do estabelecimento. Este roteiro deve conter:

- a) uma explicação do que são os mini-cursos;
- b) o nome e um pequeno resumo de cada mini-curso;
- c) local, data e horário dos mini-cursos;
- d) local, data e horário das inscrições.

Devemos passar por todas as classes, para distribuir o roteiro e falar com os alunos (mais ou menos 10 minutos por classe). A propaganda também pode ser feita por meio de cartazes que os estagiários fazem e que são colocados no colégio.

A inscrição é um ponto importante. De um lado, o aluno sente que é livre para escolher o curso que quiser e, de outro, o estagiário, antes de entrar em aula, sabe com quantos alunos ele vai trabalhar.

Quanto ao material didático - giz, apagador, estêncil, papel, álcool, mimeógrafo, material de laboratório, etc. - a responsabilidade da sua obtenção deve ser dividida entre estagiário, colégio e universidade.

2.3.3 Execução

Cada estagiário fica responsável pelo seu curso, desde o controle da presença e a feitura do diário de classe, até a execução propriamente dita.

O professor de Prática de Ensino tem nesta fase, a função de coordenador e supervisor dos cursos.

Não podemos nos esquecer de que, para o estagiário que nunca deu aula, apesar de já ter passado pelo estágio de recuperação, esta é uma experiência muito marcante, pois ele preparou o curso segundo suas próprias idéias. O professor de Prática de Ensino deve estar sempre por perto, para ajudá-lo quando *ele* precisar, e corrigi-lo quando *ele* sentir que não acertou.

Assim como a escolha, a frequência dos alunos aos mini-curso é livre. Isto faz com que alguns cursos tenham uma queda no número de alunos presentes em cada aula. Este fato deve ser discutido, pois a falta de motivação, que num mini-curso acarreta o não comparecimento do aluno, em aulas normais provavelmente acarretaria problemas de disciplina.

Como neste estágio o aluno-estagiário é colocado numa situação muito próxima à do professor, principalmente em termos de tomada de decisões, a discussão pós-estágio é muito rica e permite que se cheguem a conclusões importantes para a sua formação profissional.

Estamos trabalhando com os mini-cursos há seis anos (ver 3 da bibliografia) e gostaríamos de apresentar as principais vantagens e desvantagens deste tipo de estágio.

2.3.4 *Vantagens do estágio de mini-cursos*

2.3.4.1 *Para a escola de 1º e 2º Graus:*

- a) os mini-cursos oferecem a seus alunos uma atividade extra-curricular, sem quase nenhum trabalho ou preocupação para o corpo docente do estabelecimento;
- b) os mini-cursos não interferem diretamente com a programação dos professores do estabelecimento. Como o programa de 1º e/ou 2º graus, para qualquer disciplina, é muito grande, escolhamos sempre aqueles conteúdos que o professor não tem tempo para ensinar. Mesmo que algum mini-curso seja de matéria já trabalhada pelo professor do colégio, os alunos irão revê-la, abordada de uma forma diferente, o que serve, para eles, como um reforço;
- c) os mini-cursos oferecem aos alunos da escola a oportunidade de estudar um tópico novo, que talvez só em "cursinhos" eles iriam ver;
- d) o aluno não é obrigado a frequentar os mini-cursos (ao contrário dos cursos de recuperação). Ele se inscreve se quiser, no curso que quiser (numa lista de mais ou menos dez cursos).

2.3.4.2 *Para o Professor de Prática de Ensino:*

- a) possibilitam a observação e o acompanhamento de todos os estagiários na função docente;
- b) enriquecem sobremaneira as aulas de Prática de Ensino;
- c) enriquecem a relação professor de Prática-aluno-estagiário;
- d) introduzem, na medida do possível, inovações na escola de

1º e 2º graus. Quando, por exemplo, todos os mini-cursos de Física dão aulas de laboratório, com os aparelhos encontrados no laboratório da própria escola, os alunos começam a questionar o porquê de eles não terem normalmente aulas de laboratório.

2.3.4.3 *Para o estagiário:*

- a) os mini-cursos oferecem a oportunidade para o estagiário planejar, executar e avaliar o seu próprio trabalho;
- b) oferecem a oportunidade de ele errar (isto é, dar um mal curso), sem prejudicar os alunos (a avaliação dos mini-cursos não influenciam a nota do professor de classe);
- c) o estagiário pode replanejar um curso a partir de seus próprios erros.

2.3.5 Desvantagens do estágio de mini-cursos

- a) a escola precisa abrir aos sábados;
- b) o trabalho de organização dos mini-cursos da Universidade junto à escola é grande e essencial, pois uma falha na organização compromete todo um curso de Prática de Ensino;
- c) o mini-curso é, apesar de tudo, uma simulação, não é a realidade escolar do dia-a-dia.